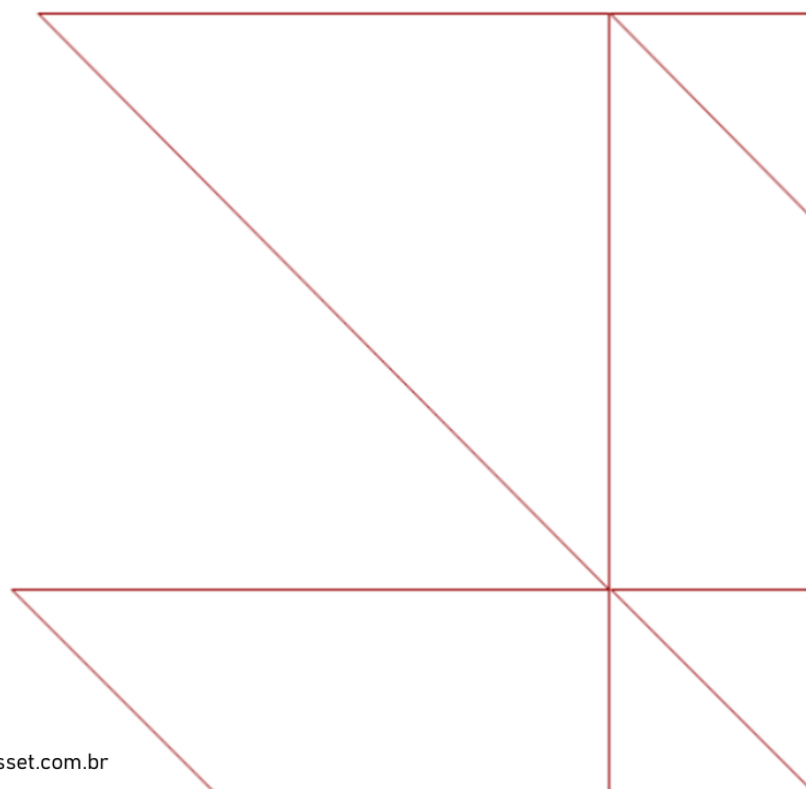




Carta Mensal

Maio 2025



www.metaasset.com.br

Maio/2025 – Carta Mensal – Artigo – Alexandre Póvoa – Revista Capital Aberto – “Nunca duvide dos EUA”

Nunca duvide dos Estados Unidos

“Nunca duvide dos EUA”. Essa foi uma máxima que aprendi na minha vida de economista e gestor de recursos.

O mundo assistiu, desde 2009 até o final de 2024, um movimento quase que unidirecional, de alta das bolsas norte-americanas (S&P: média de 13,4% a.a) e de valorização do dólar ante a uma cesta de moedas (DXY: média de 1,7% a.a). Esse ficou conhecido como o período de “excepcionalismo dos EUA”. Bolsa forte, moeda valorizada, com forte fluxo de recursos para ativos americanos.

Com a ascensão ao poder do Presidente Donald Trump, uma grande confusão se instalou. O mercado começou a questionar: Será o fim dessa fase longa de excepcionalismo?

Desde o início do ano, o mundo constatou perplexo à introdução de uma política comercial agressiva dos EUA. No chamado “Liberation Day” (02/04), sob a duvidosa alegação que “diversos países se aproveitaram dos EUA para crescer”, o Governo Trump introduziu tarifas de importação contra quase todos os países relevantes do globo. Exemplos importantes foram para a China (34%), Índia (26%), Japão (24%) e União Europeia (20%). O patamar mínimo foi de 10%, para aquelas nações com que os EUA desfrutavam de saldo comercial positivo.

Foi como os EUA tivessem retroagido a idos o século passado, com discurso de defesa à indústria nacional e um xenofobismo que atingiu principalmente os imigrantes ilegais, fonte barata de mão de obra para a economia. A promessa de redução de impostos ainda não se concretizou e resta saber até onde vai esse apetite, em uma economia com um déficit fiscal já bastante elevado.

As reações foram diversas entre os diferentes atingidos. Alguns reagiram apenas no discurso enquanto outros, em posição competitiva desfavorável (dependem muito da economia norte-americana), preferiram se calar ou tentar algum tipo de negociação. A grande exceção foi a China, que decidiu bater frente, elevando tarifas contra os EUA na mesma proporção. Trump resolveu “dobrar a aposta”, mas não esperava que os chineses fossem retaliar continuamente. No final dessa escalada, chegamos até quase 150% de tarifas de importação recíprocas entre as duas maiores economias do mundo. Na prática, tínhamos um embargo econômico entre EUA e China. Trump, provavelmente pressionado pelas gigantes de tecnologia, chegou a isentar da medida a alíquota sobre computadores, iphones e produtos eletrônicos em geral.

Como se não bastasse a política comercial agressiva, Trump, no estilo bem parecido com a atrasada retórica de países latino-americanos (tivemos exemplo recente no Brasil), resolveu atacar o presidente do FED dos EUA Jerome Powell, pressionando para uma queda de juros. Uma característica comum entre os populistas do mundo inteiro é a necessidade de encontrar “inimigos externos” para justificar suas ações. Obviamente, não teve sucesso diante da postura firme “de estado” da autoridade monetária que, ao contrário, tem manifestado sua preocupação sobre como o binômio da meta informal de inflação em 2% com o máximo de crescimento poderia ser afetado com a nova política tarifária. Seria muito complicado se o FED tivesse que decidir entre um dos dois objetivos.

O grande perigo da desmontagem do ciclo virtuoso de crescimento fica exponencial em uma economia que viveu forte valorização de todos os seus ativos nas últimas décadas, com pesada alavancagem nos balanços. Hoje, o americano médio possui cerca de 25% de seus ativos investidos em bolsa. Tirando os ativos imobiliários, esse número vai para mais de 50%. A bola de neve, que andou para frente com vigor no passado, também tem um potencial enorme de destruir valor na economia. Uma queda no preço das ações possui impacto direto na poupança do investidor médio norte-americano, reduzindo consumo que, por sua vez, afeta investimento e crescimento como um todo, batendo no preço das ações, em um potencial ciclo vicioso.

Além disso, muitas empresas buscaram o mercado de capitais para se endividar e surgiu o fenômeno totalmente novo das criptomoedas, do qual definitivamente não se tem muita visibilidade.

Todo esse quadro empurrou, no começo do ano, o investidor global para uma diversificação geográfica maior de sua carteira, historicamente concentrada em ativos dos EUA, que nas últimas décadas apresentaram, de longe, a melhor relação risco-retorno do mercado. Não é à toa que vimos o dólar perder valor para outras moedas, o dinheiro sair do mercado de ações dos EUA para outras regiões (beneficiando vários mercados em 2025, como o brasileiro) e o preço do ouro bater recordes históricos.

Enfim, tudo conspirava para uma deterioração do estado de supremacia econômica total dos EUA. O S&P, entre os dias 20/01 (data da posse de Trump) e 08/04 (ponto mínimo do ano, depois do anúncio das tarifas em 02/04), chegou a cair 17%, com o índice rondando os 5 mil pontos. Já o Nasdaq se desvalorizou 21% no mesmo período, com as grandes empresas de tecnologia perdendo trilhões em valor de mercado. O dólar se aproximou de uma depreciação anual de 10% perante uma cesta de moedas (índice DXY) até 08/04.

Porém, a virada começou no dia 09/04, quando Trump anunciou uma trégua de 90 dias na elevação de tarifas (obedecido o patamar mínimo de 10%) para 75 países que não haviam retaliado (o que excluía a China).

O mercado começou então a perceber o recuo. Os investidores simplesmente passaram a não acreditar que essa guerra comercial, sobretudo entre EUA e China, prosperaria. Era o famoso “too big to fail”. Não dava para imaginar uma perpetuação da situação, que teria um forte impacto na inflação e crescimento mundial, em uma espécie de efeito-dominó pelo globo, que tem no mundo moderno todas as cadeias produtivas completamente integradas.

Chegamos, então, no incrível dia 12/05. Os EUA e China anunciam uma trégua de 90 dias na disputa comercial com o seguinte nível: 30% de tarifas para produtos chineses importados pelos EUA e 10% para bens norte-americanos vendidos para a China. Incrível, por dois motivos: Primeiro, pela velocidade em que se chegou a um acordo (confirmando a teoria do “too big to fail”); e, segundo, pelo aceite da China de uma condição desfavorável. O único ponto que restou de dúvida foi quando os EUA reafirmaram a sua “inegociável” condição de eliminar os US\$ 1,4 trilhões de déficit anual da balança comercial com a China. Com esse patamar de tarifas, dificilmente isso se concretizará.

Porém, qual não foi a surpresa do mundo quando a Moody's, no dia 16/05, rebaixou a nota da dívida norte-americana de Aaa (nível máximo) para Aa1. O copo, então, pode estar meio vazio ou meio cheio. Se estiver meio vazio, observamos que o downgrade foi justo, dado o estado progressivamente pior das contas públicas norte-americanas. Já o meio cheio enseja a pergunta: Será que algum investidor deixará de comprar um título dos EUA (com a Treasury de 30 anos rondando os 5% a.a) por conta desse rebaixamento?

O fato é que depois de alta volatilidade, nesse começo do ano, até 30/05, o S&P e o NASDAQ já haviam se recuperado de toda a derrocada observada em abril, operando próximos à estabilidade em 2025. O DXY (valor do dólar perante uma cesta de moedas) era o único ativo norte-americano que ainda se desvalorizava em -8% no ano.

Mas é claro que, apesar de concessões que existirão de todos os lados com todos os países envolvidos (por exemplo, já foi anunciado um acordo bilateral com o Reino Unido), o mundo vai sair de desse complicado imbróglio em situação pior do que entrou. Não há como, em um ambiente global mais protecionista, que a inflação (para cima) e crescimento (para baixo) não sejam afetados.

Porém, perto do quadro que se desenhava, podemos dizer que os ferimentos potenciais se tornaram mais leves. Mais surpresas positivas ainda podem aparecer. A flexibilidade, a alta produtividade e a

atratividade da economia norte-americana impressionam. Portanto, sempre é bom respeitar o velho ensinamento: “Nunca duvide dos EUA”. Por pior que pareça o cenário.

CARTEIRA META VALOR E META 11 SMALL CAP FIA

O Meta Valor FIA atingiu alta de **+7,77% versus +1,70% do IBX em maio/2025**. No ano, o fundo chega a **+25,95% vis a vis o IBX a +13,68%**. O excelente desempenho do produto deveu-se ao acerto de termos privilegiado a alocação de recursos em papéis cíclicos, mais ligados à economia local vis a vis uma posição reduzida em ações de empresas de commodities, que não performaram bem, diante das dúvidas do impacto da potencial guerra tarifária iniciada por Trump no crescimento mundial. Temos feito um trabalho profundo, diligente e assertivo na escolha do portfólio nesse movimento de recuperação do mercado.

O Meta 11 Small Cap FIA alcançou rentabilidade de **+8,98% versus +5,94% do benchmark SMLL em maio/25**. No ano de 2025, o desempenho acumulado do fundo foi de **+17,88% vis a vis +25,12 % do SMLL**. Em 12 meses, o fundo sobe **+10,44%**, enquanto o SMLL se valoriza **+8,93%**. Em 24 meses, o produto sobe **+10,57% vis a vis +5,62% do SMLL**. Em 36 meses, a performance do fundo é de **+7,98% versus o SMLL -3,43%**. Desde o início do Governo Lula – janeiro/23), a cota sobe **+ 32,40 % versus + 9,86% do SMLL**. Continuamos acreditando que as ações de baixa capitalização são muito interessantes para capturar a melhora de percepção de risco do mercado brasileiro.

Figura 1: Retorno dos ativos em maio/25

Indicadores	abr/25	mai/25	Variação mês x mês
Bolsas			
Ibovespa	135.067	137.027	1,45%
IBX	56.969	57.940	1,70%
SMLL	2.083	2.207	5,94%
S&P 500	5.569	5.912	6,15%
Russell 2000	1.976	2.066	4,58%
Câmbio			
Dólar/Real	5,66	5,71	-0,85%
DXY	99,47	99,33	-0,14%
Curva de Juros e Risco-País			
DI Janeiro 2035	13,83%	13,81%	-0,02%
NTN-B 2030	7,50%	7,55%	0,05%
NTN-B 2055	7,51%	7,11%	-0,40%
Swap DI x Pré 12 meses	14,21%	14,33%	0,12%
CDS Brasil 10 anos	2,81%	2,59%	-0,22%
Treasury 2 anos	3,60%	3,90%	0,30%
Treasury 10 anos	4,17%	4,42%	0,25%
Commodities			
Petróleo Brent	63,37	64,32	1,50%
Minério de Ferro	98,15	96,80	-1,38%
Soja US\$ (CBOT)	1.045	1.042	-0,26%

Fonte: Quantum Axis, S&P Platts, B3, elaboração própria

No mercado de renda variável, continuou o movimento de “risk on”, obedecendo uma característica que tem sido a tônica do ano: Menos interesse nos papéis ligados a commodities – muito por conta das dúvidas em relação à atividade econômica mundial – e mais focado nas ações cíclicas mais ligadas ao mercado local. A constatação advém do desempenho superior do índice Small Caps da B3 (SMLL), que rendeu no mês de maio 5,94% versus o IBX (+1,70%) e o Ibovespa (+1,45%).

Mais uma vez, o investidor estrangeiro foi o destaque positivo de aplicação de recursos (+R\$ 12 bi no mês e +R\$ 24 bi em 2025) na bolsa brasileira, em contraponto à contínua retirada de dinheiro por parte de investidores institucionais (-R\$ 9 bi no mês e - R\$ 24 bi no ano):

Figura 2: Investimentos na bolsa brasileira em maio e em 2025, por tipo de investidor



Fonte: Falcão Notícias

Desde o começo desse ano, vislumbramos que poderia existir um deslocamento de fluxo para o Brasil de recursos antes destinados aos EUA por conta da guerra tarifária. Além disso, a visibilidade maior em relação ao encerramento do ciclo de aperto monetário local vai, em algum momento, atrair também os investidores locais que estão bem “leves” em suas carteiras de renda variável, sobretudo os institucionais.

Os constantes recuos do Governo Trump em relação à sua agressiva política comercial trouxeram alívio ao mercado norte-americano. A notícia mais relevante foi o acordo com os chineses, onde ficaram estabelecidas as tarifas de importação entre os países em 10% para o comércio dos EUA para a China e 30% para o fluxo da China para os EUA. As valorizações mensais de 6,15% do S&P e 4,58% do Russell 2000 fizeram os índices praticamente “zerarem” as quedas acumuladas do ano.

Dos vinte e dois índices setoriais calculados pela Meta Asset Management, quinze experimentaram variação positiva no mês, enquanto apenas sete ficaram no terreno negativo.

No mercado de renda fixa local, o destaque foi a decisão do COPOM em elevar a taxa SELIC em 0,25%, para o patamar de 14,75% a.a. O movimento já era amplamente esperado e, de acordo com o comunicado pós-reunião e ata, o passo na próxima reunião de junho está totalmente em aberto, a depender da evolução dos dados até lá. O mercado de juros, então sem novidades, apresentou certa estabilidade em maio, com o *swap* de doze meses subindo levemente de 14,21% para 14,33% a.a (+12 pontos-base) e a taxa do DI de dez anos ficando praticamente constante, saindo de 13,83% para 13,81% (- 2 pontos-base), desinclinando a curva.

No mercado de NTN-Bs, enquanto os cupons mais curtos ficaram praticamente estáveis, finalmente observou-se um alívio nos vértices mais longos. Os títulos mais curtos variaram marginalmente (2030: + 5 pontos-base, de 7,50% para 7,55% a.a). Já os papéis de duração maior fecharam bastante (título 2055: -40 pontos-base, de 7,51% para 7,11% a.a), demonstrando existir um certo teto onde os investidores começam a se interessar em aplicar recursos.

A curva de juros das *treasuries* dos EUA continuou reprecificando o risco de mais inflação no longo prazo, advindo do temor da política tarifária de Trump. A decisão do FED em manter os juros básicos em 4,25%-4,5% a.a, não indicando nenhuma pressa para um corte de juros (pelo contrário, foi expressa uma preocupação com o binômio inflação/crescimento), fez com que a curva de juros abrisse. O rendimento da *Treasury* de 2 anos escalou de 3,60% para 3,90% a.a. Já a taxa do título de 10 anos terminou o mês saltando de 4,17% para 4,42% a.a.

No mercado de câmbio, o Real acabou perdendo 0,85% em relação ao dólar em maio, apesar de uma leve desvalorização (DXY: -0,14%) da moeda norte-americana em relação a uma cesta de moedas. A piora da percepção do risco fiscal, sobretudo após (mais uma vez) confusa divulgação do contingenciamento do orçamento + aumento de IOF sobre vários segmentos, acabou afetando o Real, sobretudo no final do mês.

Nos mercados de *commodities* que mais interessam ao Brasil, notou-se quase uma estabilidade no mês de maio. Enquanto o preço do petróleo se

valorizou marginalmente (+1,50% - tipo Brent), depois de seguidas quedas em 2025, as cotações tanto do minério de ferro (US\$ 96,80/tonelada) como da soja caíram, respectivamente, -1,38% e -0,26%.

O Risco-Brasil, representado pelo *Credit Default Swap* (CDS de 10 anos), apresentou melhora com um melhor humor externo no mês de maio/25, decrescendo de 2,81% para o patamar de 2,59% a.a.

Para o mês de junho/25, os investidores vão focar em duas frentes: Externamente, cabe a avaliação das “indas e vindas” do Governo Trump, sempre ladeado por restrições crescentes oriundas do Poder Judiciário norte-americano. No Brasil, o mercado volta a olhar com preocupação a evolução fiscal (corte de despesas + aumento de impostos), que fez com que a Moody’s (que estranhamente havia elevado a nota de rating do Brasil em outubro/24) mudasse a perspectiva de positiva para neutra. Há dificuldade do Ministério da Fazenda de deixar de pé até mesmo o arcabouço fiscal, que já não é visto como suficiente para estabilizar a relação dívida/PIB no longo prazo.

Nossa recomendação de gestão para junho/25 é a de uma composição mais agressiva da carteira, continuando a focar nas opções locais. O mercado brasileiro está muito forte e não vale a pena ficar com posições defensivas. O investidor estrangeiro está em um processo de deslocamento de capital dos EUA e o Brasil será um dos países emergentes beneficiados. No âmbito local, a ideia de um teto para a taxa SELIC deverá começar a atrair gradativamente o investidor local – mormente o institucional, que praticamente só saiu do mercado acionário nos últimos anos – para a bolsa. Nesse cenário, cabe gradualmente o olhar em empresas fortes operacionalmente, mas que têm sido penalizadas por altas despesas financeiras produzidas por um juro muito alto. Os preços de ações de commodities estão bastante deprimidos, mas ainda não é o momento de buscar posições relevantes, a não ser em empresas de grande qualidade e com a matéria-prima próxima ao ponto mais baixo do ciclo.

Figura 3: Índices setoriais – Meta Asset – Mês de maio/25

Índices Meta Asset	maio/2025
Meta Índice Água e Saneamento	16,1%
Meta Índice Varejo	10,2%
Meta Índice Construção	9,2%
Meta Índice Tecnologia	8,6%
Meta Índice Óleo Gás Petroquímico	7,4%
Meta Índice Shoppings	6,6%
Meta Índice Açúcar e Alcool	6,5%
Meta Índice Serviços Financeiros	6,1%
Meta Índice Energia Elétrica	5,4%
Meta Índice Locação de Veículos	3,9%
Meta Índice Bancos	2,9%
Meta Índice Exploração de Imóveis	2,1%
IBX	1,7%
Meta Índice Materiais Básicos	1,6%
Ibovespa	1,5%
Meta Índice Indústria	1,3%
Meta Índice Serviços e Logística	1,2%
Meta Índice Mineração	-0,2%
Meta Índice Saúde	-0,3%
Meta Índice Supermercados	-1,9%
Meta Índice Agricultura	-2,5%
Meta Índice Frigoríficos	-3,5%
Meta Índice Siderurgia	-5,5%
Meta Índice Aéreas	-11,4%

Fonte: Quantum Axis, elaboração própria

Quinze índices setoriais estruturados pela Meta Asset (de vinte e dois no total) experimentaram variação positiva no mês de maio/25.

Em primeiro lugar, aparece o segmento de água e saneamento (+16,1%), puxado por eventos específicos de empresas como a Ambipar (+57%), Copasa (11%) e Sanepar (6%). Estamos removendo a ação Ambipar desse índice pela extrema volatilidade do papel por razões que desconhecemos, distorcendo resultados.

Em seguida, colocou-se o setor de varejo (+10,2%), beneficiado pelo fluxo focado para empresas locais, dado a sinalização do BC da proximidade de um teto para a taxa SELIC. Cite-se AZZA (+39%) e C&A (+34%).

Em terceiro, aparece o nicho de construção civil (+9,2%), impulsionado pelo excelente momento do setor. Chama a atenção particularmente as companhias beneficiadas pelo programa “Minha Casa, Minha Vida. Exemplos são Tenda (+43%), Moura Dubeux (+28%) e Plano&Plano (+26%).

Já o segmento de aéreas (-11,4%) continuou sendo impactado pela grave situação financeira das empresas que o compõem. Menção para a Azul que pediu recuperação judicial nos EUA (-39%). Curiosamente, enquanto a Azul entrou no Chapter 11, a Gol saiu (+20%).

Enquanto isso, o nicho de siderurgia (-5,5%) também teve um desempenho ruim, ainda pela ameaça da invasão do aço chinês no Brasil caso a guerra tarifária perdure. Casos foram: CSN (-11%) e Usiminas (-8%)

Figura 4: Índices setoriais – Meta Asset – Ano de 2025

Índices Meta Asset	no ano
Meta Índice Supermercados	52,0%
Meta Índice Serviços Financeiros	48,4%
Meta Índice Construção	47,3%
Meta Índice Tecnologia	43,6%
Meta Índice Varejo	40,5%
Meta Índice Água e Saneamento	34,1%
Meta Índice Locação de Veículos	32,5%
Meta Índice Shoppings	31,1%
Meta Índice Energia Elétrica	29,5%
Meta Índice Bancos	25,9%
Meta Índice Saúde	17,2%
Meta Índice Frigoríficos	14,6%
Ibovespa	13,9%
IBX	13,7%
Meta Índice Exploração de Imóveis	12,5%
Meta Índice Serviços e Logística	10,2%
Meta Índice Agricultura	8,4%
Meta Índice Indústria	5,5%
Meta Índice Óleo Gás Petroquímico	2,1%
Meta Índice Mineração	-1,7%
Meta Índice Materiais Básicos	-3,5%
Meta Índice Siderurgia	-7,8%
Meta Índice Açúcar e Alcool	-9,1%
Meta Índice Aéreas	-58,4%

Fonte: Quantum Axis, elaboração própria

Em 2025, destaque positivo para a performance dos segmentos de supermercados (+52,0%) e serviços financeiros (+48,4%). Já as menções mais negativas ficam para os indicadores de aéreas (-58,4%) e açúcar e álcool (-9,1%).

Fundos de Ações	Data	Valor da Cota	Mês	No Ano	Últimos 12M	PL Atual (mil)	PL Médio 12M (mil)	Estratégia	Data de Início
META VALOR RESP. LIMITADA FIA	30/05/2025	2,68302706	7,77%	25,95%	6,93%	117.453	121.569	Ações IBRX Ativo	11/04/2006
IBX-100			1,70%	13,68%	11,80%				
IBOVESPA			1,45%	13,92%	12,23%				
META 11 SMALL CAP RESP. LIMITADA FIA	30/05/2025	1,03800343	8,98%	17,88%	10,44%	23.721	24.200	Ações Small Caps Ativo	11/04/2022
Small			5,94%	25,12%	8,93%				
Total Estratégia Renda Variável						141.174	145.769		
Total AUM						141.174	145.769		

Indicadores	Data	Mês	No Ano	Últimos 12M
CDI	30/05/2025	1,14%	5,26%	11,76%
IPCA	30/05/2025	0,43%	2,48%	5,53%
IBRX - 100	30/05/2025	-4,99%	-4,99%	13,77%
SMLL	30/05/2025	1,77%	10,80%	-11,51%

DATA DE ENVIO
02/06/2025
DATA DE REFERÊNCIA
30/05/2025

As rentabilidades informadas estão líquidas de taxas de administração e performance.

META VALOR

Taxa de Administração: 2,50% a.a.

Taxa de Performance: 20% sobre o ganho que exceder a variação do IBX-100 FECHAMENTO (conceito marca d'água).

Resgate: D+1, D+2.

(*) A coluna 12 meses se refere a rentabilidade da cota data base (d-1) dividido pela cota do dia útil equivalente de 12 meses atrás.

() A tabela dos últimos 365 dias se refere a rentabilidade da cota data base (d-1) dividido pela cota de 365 dias atrás (d-365)**

META 11 SMALL CAP FIA

Taxa de Administração: 2,50% a.a.

Taxa de Performance: 20% sobre o ganho que exceder a variação do ÍNDICE SMLL FECHAMENTO (conceito marca d'água).

Resgate: D+1, D+2.

Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Para avaliação da performance do fundo de investimento, é recomendável uma análise em um período de, no mínimo, 12 (doze) meses. . Leia o prospecto, o formulário de informações complementares, Lâminas e Regulamento antes de investir. A rentabilidade divulgada não é líquida de



DISCLAIMER

Este material foi desenvolvido pela Meta Asset com caráter meramente informativo e, portanto, não deve ser entendido como oferta, recomendação ou análise de investimento ou ativo, nem constitui uma oferta de serviço ou venda de cotas dos fundos sob gestão.

Parte do conteúdo contido neste documento é relacionado a ativos financeiros investidos pelos fundos de investimento sob gestão da Meta Asset Management. Ressaltamos que as projeções ou estimativas apresentadas podem ter origem em simulações ou modelos proprietários, com o risco de divergirem significativamente dos resultados reais, sendo obtidas a partir de dados estatísticos, modelos probabilísticos e metodologias proprietárias, baseadas em fatos e resultados financeiros obtidos de fontes públicas ou através de relatórios e análises contratados. Como tal, eventuais estimativas ou projeções contidas neste documento servem somente para contextualizar o processo de decisão de investimentos da Gestora e não expressam, em nenhum momento, promessa ou garantia de retorno ou resultado do portfólio ou de ativos individuais.

Ainda, apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, a Meta Asset Management não declara ou garante a integridade, confiabilidade ou exatidão das informações, as quais podem inclusive ser modificadas sem comunicação, eximindo-se

de quaisquer responsabilidades por prejuízos diretos ou indiretos que venham a ocorrer pelo seu uso.

O conteúdo deste documento não pode ser copiado, reproduzido, publicado, retransmitido ou distribuído, no todo ou em parte, por qualquer meio e modo, sem a prévia e expressa autorização, por escrito, da Meta Asset Management através de seus representantes.

Para dúvidas ou esclarecimentos adicionais sobre metodologia, modelos ou de métricas e estimativas relativas às empresas ou ativos investidos contidos neste material, entrar em contato através do e-mail comercial@metaam.com.br.

DISCLAIMER

Este material foi desenvolvido pela Meta Asset com caráter meramente informativo e, portanto, não deve ser entendido como oferta, recomendação ou análise de investimento ou ativo, nem constitui uma oferta de serviço ou venda de cotas dos fundos sob gestão.

Parte do conteúdo contido neste documento é relacionado a ativos financeiros investidos pelos fundos de investimento sob gestão da Meta Asset Management. Ressaltamos que as projeções ou estimativas apresentadas podem ter origem em simulações ou modelos proprietários, com o risco de divergirem significativamente dos resultados reais, sendo obtidas a partir de dados estatísticos, modelos probabilísticos e metodologias proprietárias, baseadas em fatos e resultados financeiros obtidos de fontes públicas ou através de relatórios e análises contratados. Como tal, eventuais estimativas ou projeções contidas neste documento servem somente para contextualizar o processo de decisão de investimentos da Gestora e não expressam, em nenhum momento, promessa ou garantia de retorno ou resultado do portfólio ou de ativos individuais.

Ainda, apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, a Meta Asset Management não declara ou garante a integridade, confiabilidade ou exatidão das informações, as quais podem inclusive ser modificadas sem comunicação, eximindo-se de quaisquer responsabilidades por prejuízos diretos ou indiretos que venham a ocorrer pelo seu uso.

O conteúdo deste documento não pode ser copiado, reproduzido, publicado, retransmitido ou distribuído, no todo ou em parte, por qualquer meio e modo, sem a prévia e expressa autorização, por escrito, da Meta Asset Management através de seus representantes.